



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARCIANE NUNES MAURIZ

**AO GRITO DA GUERRA, LÁ SURGE DA SERRA JOVITA GENTIL: A
REPRESENTAÇÃO FEMININA NA GUERRA DO PARAGUAI – 1865**

PICOS - PI

2013

MARCIANE NUNES MAURIZ

**AO GRITO DA GUERRA, LÁ SURGE DA SERRA JOVITA GENTIL: A
REPRESENTAÇÃO FEMININA NA GUERRA DO PARAGUAI – 1865**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em História, do
Campus Senador Helvídio Nunes de
Barros, da Universidade Federal do Piauí.
Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de
Araújo.

PICOS - PI

2013

Eu, **Marciane Nunes Mauriz**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 23 de abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M454g Mauriz, Marciane Nunes.
Ao Grito da guerra, la surgi da serra Jovita Gentil: a representação feminina da guerra do Paraguai-1865 / Marciane Nunes Mauriz. – 2013.
CD-ROM: il.; 4 ¾ pol. (42p.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos - PI, 2013.

Orientador (A): Prof. Dr. Johny Santana de Araújo

1. Guerra do Paraguai. 2. Jovita Alves Feitosa. 3. Piauí.
I. Título.

CDD 981.043 4

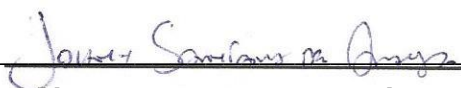
MARCIANE NUNES MAURIZ

**AO GRITO DA GUERRA, LÁ SURGE DA SERRA JOVITA GENTIL: A
REPRESENTAÇÃO FEMININA NA GUERRA DO PARAGUAI- 1865**

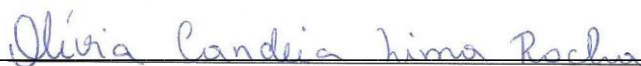
Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em História, do
Campus Senador Helvídio Nunes de
Barros, da Universidade Federal do Piauí.
Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de
Araújo.

Aprovada em 17 / 04 / 2013

BANCA EXAMINADORA



Presidente da banca examinadora
Prof. Dr. Johny Santana de Araújo



Examinador
Prof^a. M.ScOlivia Candeia Lima Rocha



Examinador
Prof^a. Ivana Campelo Cabral

A Deus, em princípio
A toda minha família

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido a vida, esse dom que sem ele nada e nem tão longe eu poderia ter chegado.

A meus pais, minha irmã, meu namorado Luis Gonzaga, pelo apoio e aos meus amigos e amigas por suportarem os momentos de ansiedade, em especial Elieny e Ana Paula.

Ao meu professor orientador Johny Santana, por ter compreendido minhas fraquezas e limitações, me oferecendo todo apoio para a realização desse trabalho.

Aos colegas de trabalho e à ULTRAGÁZ.

*Ao grito da guerra
Lá surge da Serra Jovita gentil,
Só tem do seu sexo
O mimoso perfil*

(Jornal do Comércio - RJ, 1865)

RESUMO

Apresentar o papel na Guerra do Paraguai e suas variadas formas de representações faz-se de suma importância para o entendimento da complexidade deste teatro de guerra. Como também visualizar as maneiras em que a mulher exerceu papel relevante na realização de tal conflito. Esta pesquisa de cunho bibliográfico e tem objetivo geral contribuir e fortalecer a história das mulheres, na tentativa de demonstrar a participação feminina como sujeito de uma historiografia que por muito tempo foi dominada por homens. Já os objetivos específicos foram demonstrar as mais variadas formas de participação feminina na Guerra do Paraguai; Entender os mecanismos elaborados pela historiografia tradicional em que dar visibilidade a alguns sujeitos históricos e em contrapartida omite outros; Mostrar o cotidiano das mulheres que participaram da Guerra do Paraguai, a partir das suas dificuldades (fome, doenças, perigos e miséria); Apresentar as práticas ou mecanismos de sobrevivência utilizados pelas mulheres que participaram deste conflito. Os resultados apontam que Jovita foi escondida para a guerra, mas foi descoberta. Como final, e trágico, ela suicidou-se por conta de um amor não correspondido.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra do Paraguai. Jovita Alves Feitosa. Piauí.

ABSTRACT

Present the paper in the Paraguayan War and its various forms of representations it is of paramount importance for understanding the complexity of this theater of war. As also view the ways in which women exercised important role in the realization of such conflict. This stamp bibliographic research and has overall objective to contribute and strengthen women's history in an attempt to demonstrate the participation of women as subjects of a historiography that has long been dominated by men. Since the specific objectives were to demonstrate the various forms of female participation in the War of Paraguay; Understanding the mechanisms elaborated by traditional historiography that give visibility to a few historical subjects in hand and omits others; Show the everyday women who participated in the War of Paraguay , from their difficulties (hunger, disease, misery and dangers); introduced practices or coping mechanisms used by women who participated in this conflict. The results show that Jovita was hidden for war, but was discovered. As a final and tragic, she committed suicide because of unrequited love.

KEYWORDS: Paraguayan War. Jovita Alves Feitosa. Piauí.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Solano López.....	20
Figura 2 – Convocação para servir à guerra.....	30
Figura 3 – Jovita Feitosa.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA GUERRA DO PARAGUAI	16
1.1 Vamos à guerra! Análise do contexto histórico da Guerra do Paraguai	16
1.2 O Brasil insere-se na Guerra do Paraguai.....	21
2 À LUTA! A PARTICIPAÇÃO PIAUIENSE NA GUERRA DO PARAGUAI	27
3 A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA GRANDE GUERRA: PERFIL DE JOVITA ALVES FEITOSA	32
3.1 Perspectivas femininas na Guerra do Paraguai	32
3.2 Perfil de Jovita Alves Feitosa: eis a heroína brasileira	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

A frase de Certeau (2002, p. 16) justifica o ato de pesquisar e todas as possíveis intempéries que esse ato possa acarretar. Segundo o autor “a história é o privilégio que é necessário recordar para não esquecer-se a si próprio”.

Este trabalho visa contemplar as várias manifestações femininas durante a Guerra do Paraguai, sendo um tema de nível historiográfico trabalhado atualmente por vários historiadores e pesquisadores.

O estudo tem por objetivo analisar a participação das mulheres na guerra do Paraguai (1864-1870), tendo em vista que por muito tempo essa historiografia foi dominada pela perspectiva masculina, que sempre privilegiou a perpetuação da representação masculina, como a figura dos heróis viris.

Através da “Nova História”, e seus desdobramentos dentro do campo da história social, a história das mulheres ganhou maior visibilidade, dando um novo olhar aos marginalizados ou excluídos da historiografia dominante.

Apresentar o papel na Guerra do Paraguai e suas variadas formas de representações faz-se de suma importância para o entendimento da complexidade deste teatro de guerra. Como também visualizar as maneiras em que a mulher exerceu papel relevante na realização de tal conflito.

O escritor Machado de Assis (1979, p. 118), ao incentivar o patriotismo feminino, demonstra uma visão que vai de encontro à historiografia tradicional, perspectiva do século XX, em que coloca a guerra como não sendo um lugar para as mulheres,

Não nascestes para guerra da pólvora e da espingarda. Nascestes para outra guerra, em que a mais inábil e menos violenta, vale por dois Aquiles. Mas, nos momentos supremos da pátria, não sois das últimas. De qualquer modo ajudais os homens. Uma como, mãe espartana, arma seu filho e o manda para a batalha; outra borda uma bandeira e entregam aos soldados, outras costumam as fardas dos valentes; outras dilaceram as próprias saias para encher cartuchos; outras preparam os fios para os hospitais; outras juncam de flores os caminhos dos bravos (...). Não tendes uma agulha, não comandais um regimento, formais coragens, não fazeis um assalto, fazeis uma oração, não distribuis medalhas, espalhais flores, e estas, podeis estar certar, hão de lembrar, mesmo quando o forem secas os feitos do passado e as vitórias do país.

Dessa maneira, pretendemos demonstrar a inserção da mulher em uma temática predominantemente masculina, fazendo com que haja o conhecimento sobre a participação feminina em lutas, como a Guerra do Paraguai. Com este trabalho, queremos romper com o silêncio e lacunas existentes na participação da mulher nesse conflito.

Diante disso é que este trabalho apresenta como proposta trazer a realidade vivenciada no conflito entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai para perto de nós, pelo olhar marginalizado, ou seja, de baixo para cima.

Ao estudar a condição feminina no passado e, em particular, a mulher na Guerra do Paraguai, essa questão aparece como um desafio, ou mesmo um desejo de recuperar a mulher na sua identidade social e de mostrar a sua presença nos campos de batalha.

Diante da predominância masculina em trabalhos científicos sobre a realização da Guerra do Paraguai (1864-1870), inserimos este trabalho na tentativa de dar uma maior visibilidade, ou mesmo, um destaque do papel feminino no mais importante conflito da América Latina.

Assim, ao trabalhar nesta perspectiva ressaltaremos os mais variados papéis ou funções exercidas pelas mulheres na realização deste conflito, sendo este estudo de suma importância para a expansão das áreas ou campos de pesquisas de futuros historiadores e pesquisadores.

Na realização deste trabalho pretendemos englobar uma diversidade de tipos de mulheres em que a historiografia consagra e exclui. Vale ressaltar, que as mulheres mencionadas pelos memorialistas referem-se às senhoras pertencentes as “boas famílias”, sendo estas filhas, mães, esposas e irmãs de oficiais, ou seja, de elite, ficando estas a serem intituladas como “heroínas da pátria”.

Na temática que utilizamos para a elaboração desta pesquisa, queremos demonstrar a importância dos sujeitos omitidos pela historiografia tradicional, pois mesmo não tendo papel de destaque na história, tiveram grande importância no desenrolar dos eventos ligados a Guerra do Paraguai.

Tanto as tropas paraguaias como as brasileiras eram acompanhadas por um verdadeiro exército de mulheres. Esposas, prostitutas, companheiras, mães, que se alimentavam das sobras de seus companheiros, cozinhavam, lavavam, cuidavam dos feridos, abrigavam-se em barracas, distribuía solidariedade humana, sendo

por vezes até maltratadas pelos maridos. Combatiam e morriam esquecidas. As vivandeiras e andarilhas seguiam a tropa, vendendo víveres e bebidas.

Mesmo sendo esta uma tarefa árdua, será necessário observar nas entrelinhas dos registros oficiais, a presença e a contribuição feminina, pois este é um trabalho recompensador, para assim poder suprir as lacunas historiográficas existentes e dá visibilidade a presença feminina, no processo de construção da nação.

O objetivo geral do trabalho é Contribuir e fortalecer a história das mulheres, na tentativa de demonstrar a participação feminina como sujeito de uma historiografia que por muito tempo foi dominada por homens.

Já os objetivos específicos foram: Demonstrar as mais variadas formas de participação feminina na Guerra do Paraguai; Entender os mecanismos elaborados pela historiografia tradicional em que dar visibilidade a alguns sujeitos históricos e em contrapartida omite outros; Mostrar o cotidiano das mulheres que participaram da Guerra do Paraguai, a partir das suas dificuldades (fome, doenças, perigos e miséria); Apresentar as práticas ou mecanismos de sobrevivência utilizados pelas mulheres que participaram deste conflito.

Quando nos referimos a Guerra do Paraguai surgem vários outros problemas que podem ser facilmente detectados, podemos citar alguns: dificuldade de acesso a fontes oficiais, pouca informação sobre a história social da guerra e suas consequências, e com relação à participação das mulheres brasileiras o que observamos é uma lacuna historiográfica que se contrasta com relação à participação da mulher paraguaia, pois a participação destas foi devidamente registrada pela historiografia.

Contudo, na realização desta pesquisa buscamos informações em jornais, revistas, documentos oficiais que tratam sobre o assunto abordado em locais, como: Museu Ozildo Albano, bibliotecas particulares, arquivos pessoais e em departamentos vinculados aos órgãos públicos que mantenham a prática do arquivamento de documentos, para assim, fomentar a pesquisa, sendo estes documentos essenciais, para a elaboração deste trabalho, que será constituído diretamente pela pesquisa bibliográfica.

Os arquivos são os responsáveis pela guarda e manutenção dos mais diversos documentos, por que:

[...]compõem o mundo do jogo técnico, um mundo onde se reencontra a complexidade, porém, triada e miniaturizada e, portanto, formalizável. Espaço preciso em todos os sentidos do termo; [...] o equivalente profissionalizado e escriturário daquilo que representam os jogos na experiência comum de todos os povos, quer dizer, das práticas através das quais cada sociedade explicita, miniaturiza, formaliza suas estratégias mais fundamentais, e representa-se assim, ela mesma, sem os riscos nem as responsabilidades de uma história a fazer (CERTEAU, 2002, p. 20).

Bacellar (2005) em seu texto descreve algumas das dificuldades que o pesquisador encontra quando pretende utilizar-se da documentação dos arquivos públicos brasileiros.

[...] eles enfrentam, de forma geral, os sérios problemas comuns aos serviços públicos: falta de pessoal, de instalações adequadas e de recursos. [...] Aventurar-se pelos arquivos, portanto, é sempre um desafio de trabalhar em instalações precárias, com documentos mal acondicionados e preservados, e mal organizados. Portanto, o historiador tem sempre pela frente o desafio de permanecer por meses, quando não por anos, nesses ambientes pouco acolhedores em termos de conforto e de condições de trabalho, mas em um esforço que quase sempre levará a alcançar resultados muito gratificantes (BACELLAR, 2005, p. 49).

A importância de trabalhar com documentos originais é relevante para o pesquisador, apesar de estarem envolvidos em um cenário social determinado. Os documentos que compõem os acervos dos arquivos e das bibliotecas, muitas vezes, por desígnios legais, retratam o que a sociedade desejava que ficasse perpetuado para as próximas gerações.

Tem-se que considerar neste íterim, os obstáculos interpostos à pesquisa implícitos ao funcionamento da máquina administrativa. Bacellar (2005, p.53) descreveu essa situação e ainda enfatizou a necessidade de outro elemento ao pesquisador dos arquivos: a paciência. Segundo suas próprias palavras a paciência é arma básica do pesquisador em arquivos. E complementa ainda que a paciência é imprescindível para contribuir com a descoberta dos documentos desejados, para passar semanas, meses ou anos, trabalhando na tarefa de atenta leitura.

Na análise dos documentos deve-se ir para além das aparências, levar-se em conta todos os detalhes identificados na redação, na grafia e na sua apresentação, como a qualidade do papel e a existência de timbres ou outras marcas. Os

documentos sempre representarão uma visão parcial do descrito, que foi determinada por quem as elaborou. Os acontecimentos que a documentação comporta devem ser questionados, esmiuçados e analisados para que se possam verificar quais foram alguns dos caminhos que trilharam, visando-se, portanto, efetuar uma leitura das entrelinhas. Sempre se necessita analisar com critérios os acontecimentos que formaram o objeto da investigação, independentemente de quais forem as fontes primárias utilizadas para compor uma pesquisa.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro tratamos da guerra no Paraguai de forma geral, até chegar ao Brasil, quando este passa a lutar pelo território do Prata. No segundo capítulo abordamos a guerra do Paraguai no Piauí, e de que forma este estado atuou na luta, inclusive sendo um dos que mais mandou pessoas para lutarem pela pátria. O terceiro capítulo apresenta o perfil e a biografia de Jovita Alves Feitosa, que se disfarçou de homem, cortando o cabelo com um faca para poder lutar. Mas sua farsa foi descoberta e teve que encerrar sua peripécia. Além do mais, sua história de coragem foi interrompida por uma morte precoce, suicidando-se por conta de um amor não correspondido. Após isso, são feitas as considerações finais e descritas as referências bibliográficas da literatura acerca do tema em questão.

1 A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA GUERRA DO PARAGUAI

Tenfen(2010, p. 299) trata a guerra como “musa das nações”, ou seja, ela “inspira, respira, transpira” um senso aguçado de nacionalidade. Por isso, ao longo da história fica quase impossível discernir se a guerra fomenta a nacionalidade ou se a nacionalidade precisa da guerra para se fortalecer. A guerra traz às sociedades diversas mudanças, transformações históricas e culturais, muitas vezes devastando nações; outras, construindo-as ou reconstruindo-as, de maneira que sua marca se torna tão forte a ponto de se tornar mais um capítulo histórico.

Ao analisar a literatura acerca do tema, pudemos observar que a Guerra do Paraguai é um tema polêmico e tem gerado estudos cujos resultados apresentam discrepâncias enormes. Tal situação deve-se à paixão presente em muitos trabalhos que abordam o processo histórico em questão, levando a extremismos próprios da utilização ideológica, muitas vezes simplificadora da análise, comprometendo a metodologia empregada para a pesquisa (PORTO JÚNIOR, 2013).

A partir da história oficial como embasamento, este capítulo tem como objetivo tratar da Guerra da Tríplice Aliança, como foi chamado pelos relatos históricos. Já no Paraguai ficou conhecida como Guerra Grande; enquanto no Brasil, como Guerra do Paraguai. “Quanto a esta última designação, talvez seja produto da propagação da ideia de que o Brasil nunca desejou ou agiu com a intenção de provocar essa guerra, tendo sido compelido pelo Paraguai à mais dura campanha militar de sua história” (ROCHA, 2011, p. 16). Abordaremos de que forma o Brasil se inseriu nessa batalha, e como se encontrava o contexto histórico na época da guerra.

1.1 Vamos à guerra! Análise do contexto histórico da Guerra do Paraguai

Alguns historiadores relatam que a partir do século XIX, as nações americanas emancipadas após a crise do sistema colonial passaram a buscar poder e soberania política e econômica de seus territórios, o que seria uma tarefa árdua e difícil, pois passados séculos de dominação colonial, esses novos países teriam que enfrentar os desafios estabelecidos pelo capitalismo industrial e financeiro do

período. Acerca disso, podemos observar a citação abaixo de que forma o Paraguai começa a se destacar no cenário mundial:

[...] o processo de independência das nações latino-americanas não significou o fim da subserviência política e da dependência econômica. Sob outros moldes, esses países ainda estavam presos a instituições corruptas e à antiga economia agroexportadora. Contrariando essa tendência geral, durante o século XIX, o Paraguai implementou um conjunto de medidas que buscavam modernizar o país (SOUSA, 2013, p. 01).

Conforme observado, o Paraguai emancipou-se politicamente em 14 de maio de 1811. Nesse período, Napoleão varria a Europa, combatendo as monarquias absolutistas do “velho continente”, a exemplo do que acontecia com os demais países de dominação espanhola na região.

No que concerne à política, o país, no período posterior à independência, teve como primeiro governo Gaspar García Francia que, na luta pela independência, comandara a resistência à pretensão de anexação portenha. Conforme Porto Júnior (2013), esse governo recebeu o título de “Ditador Perpétuo” do Paraguai. Francia, através de uma forte repressão política, terminou com todo o poder econômico e político das elites do período colonial.

Durante os governos de José Francia (1811-1840), citado acima, e Carlos López (1840-1862), o analfabetismo foi erradicado do país e várias fábricas foram instaladas com o subsídio estatal. Isso gerou uma melhora do abastecimento de alimentos, bem como uma reforma agrária que reestruturou a produção agrícola paraguaia ao dar insumos e materiais para que os camponeses produzissem. Pode-se dizer que esse conjunto de medidas melhorou a condição de vida da população e fez surgir uma indústria autônoma e competitiva, destacando o Paraguai dos demais países. Acerca de Francia, na citação abaixo, vemos algumas de suas ações:

Francia não deixa por menos: extermina literalmente, o próprio poder econômico. Decreta, poderia se dizer, a pobreza como norma de vida dos paraguaios. Fica proibida, pela prática que El Supremo determina à nação, a riqueza. Os espanhóis e espanhóis, herdeiros dos privilégios da coroa, são perseguidos até o extermínio. Nos cárceres, não existem pobres: são os ricos, a chamada ‘classe esclarecida’, que poderiam voltar-se contra Francia, que estão presos (CHIAVENATTO, 1983: 16).

Conforme visto, houve uma revolução às avessas, em que o governo decretou a pobreza para todos os habitantes paraguaios, enquanto aqueles que se opunham ao mesmo, pessoas ricas, eram presas, a fim de que não se rebelassem contra o governo.

O processo acima pode ser explicado da seguinte forma: verifica-se no Paraguai, em meio ao processo de independência, a derrubada do poder de uma classe social, que era composta da elite crioula e a cúpula da Igreja, sob a liderança de Francia. Este processo revolucionário diferenciara o Paraguai da época dos demais países do Sul da América. Com o isolamento imposto ao país, a República adquire um modelo autônomo de desenvolvimento, controlado pelo Estado, visto a inexistência de uma classe social que dirija o processo. Porto Júnior (2013, p. 06) diz, acerca disso, que:

O povo, culturalmente “domesticado” desde os tempos das missões jesuíticas, acostumado com um modelo de dominação patriarcal, aceitaria a substituição da Igreja pelo Estado. Para realizar tal intento, o governo Francia força a Igreja paraguaia a se desligar de Roma, toma suas terras e institui a liberdade de crença. Além das terras da Igreja, o Estado “adquire terras” por meio da expropriação dos antigos donos e da compra por valores baixos. Na nova estrutura fundiária cria-se a figura do arrendatário, que pagava valores irrisórios para utilizar as terras do governo e as Estâncias da Pátria, nas quais o modelo de produção era comunal.

A situação criada pelo governo leva a entender é que a revolução promovida por Francia, com o apoio da maioria da população, já que os que eram contra tinham sido eliminados, estavam calados ou, no exílio, não passaria impune: advém daí arotulação de bárbaros atribuída aos habitantes do Paraguai. Afinal, como seria qualificada, na época, a expropriação das elites e da Igreja de Roma.

Após a morte de Francia, no ano de 1840, assume o poder Carlos Antônio López. Esse governo foi responsável, segundo Porto Júnior (2013), pela modernização paraguaia, através de técnicos europeus para desenvolver uma indústria nacional. O país não precisou recorrer ao capital inglês, graças à concentração do comércio e das exportações nas mãos do Estado, e apesar das altas taxas alfandegárias cobradas por Buenos Aires, Carlos López investiu na indústria de base, como por exemplo, Fundação Ibicuí em 1845, e na estrutura do país, construindo muitas estradas de ferro.

Porto Júnior (2013) ressalta que, devido à preocupação constante com Rosas, o Paraguai investe pesadamente na construção de uma estrutura militar, fabricando seus próprios navios e armas. Característica essa que tornou Solano López conhecido como um líder com pretensões expansionistas que pretendia a formação do GrandeParaguai.

Ainda acerca do governo de López, Sousa (2013) ressalta que durante o ano de 1862, ele chegou ao poder com o objetivo de dar continuidade às conquistas dos governos anteriores. Nessa época, um dos grandes problemas da economia paraguaia se encontrava na ausência de saídas marítimas que escoassem a sua produção industrial. Uma solução seria os produtos paraguaios atravessarem a região da Bacia do Prata, que abrangia possessões territoriais do Brasil, Uruguai e Argentina.

Sousa (2013) também cita que existem outra corrente historiográfica que atribuiu o início da guerra do Paraguai aos interesses econômicos que a Inglaterra tinha na região. Segundo o autor, o governo britânico pressionou o Brasil e a Argentina a declararem guerra ao Paraguai. Para tanto tentou iludí-los dizendo que teriam vantagens econômicas e empréstimos dos ingleses se impedissem a ascensão da economia paraguaia. Com isso, a Inglaterra procurava impedir o aparecimento de um concorrente comercial autônomo que servisse de modelo às demais nações latino-americanas.

Em outras palavras, como forma de um jogo econômico contra os países latinos, a Inglaterra tentou fazer com que os países desse continente se unissem para derrubar o Paraguai, já que este apresentava-se como um forte concorrente no que concerne ao destaque econômico.

Foi sob esse clima de tensão que a Argentina tentou dar apoio à consolidação de um novo governo no Uruguai favorável ao ressurgimento do antigo Vice Reinado da Prata, que englobava as regiões da Argentina, do Paraguai e Uruguai. Mas Sousa (2013) ressalta que o Brasil era contra essa tendência, defendendo a livre navegação do Rio da Prata. Temendo esse outro projeto expansionista, posteriormente defendido por Solano López, o governo de Dom Pedro II decidiu interceder na política uruguaia.

Após invadir o Uruguai, retaliando os políticos uruguaios expansionistas, o governo brasileiro passou a ser hostilizado por Solano, que aprisionou o navio brasileiro Marquês de Olinda. Com esse episódio, o Brasil decidiu declarar guerra ao

Paraguai. A Inglaterra, favorável ao conflito, concedeu empréstimos e defendeu a entrada da Argentina e do Uruguai na guerra (SOUSA, 2013).

Abaixo, segue uma imagem de Solano López, que serve como ilustração desse governo:

Figura 1 – Solano López



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Paraguai

Em 1865, Uruguai, Brasil e Argentina formaram a Tríplice Aliança com o objetivo de aniquilar as tropas paraguaias. Inicialmente, os exércitos paraguaios obtiveram algumas vitórias que foram anuladas pela superioridade do contingente militar e o patrocínio inglês da Tríplice Aliança.

Mesmo assim, as boas condições estruturais e o alto grau de organização dos exércitos paraguaios fizeram com que a guerra se arrastasse por cinco anos.

Somente na série de batalhas acontecidas entre 1868 e 1869, que os exércitos da Tríplice Aliança garantiram a rendição paraguaia.

Conforme Sousa (2013), o saldo da guerra foi desastroso, pois o Paraguai teve cerca de 80% de sua população de jovens adultos morta. O país sofreu uma enorme recessão econômica que empobreceu o Paraguai durante muito tempo. Com o final da guerra, o Brasil conservou suas posses na região do Prata, enquanto seu opositor ficou totalmente devastado.

No entanto, a vitória brasileira significou alguns pontos negativos. O primeiro deles é que o governo imperial contraiu um elevado montante de dívidas com a Inglaterra e fez do Exército uma instituição com interferência nas questões políticas nacionais. Segundo, que o país acabou por enriquecer mais ainda a Inglaterra, que foi a maior beneficiada com o conflito, que barrou o aparecimento de uma concorrente comercial e lucrou com os juros dos empréstimos contraídos.

A seguir será apontado o contexto histórico no qual o Brasil se encontrava à época em que se inseriu na Guerra Contra o Paraguai. Também será mostrado como o país participou do conflito, além de elencar os pontos positivos e negativos dessa participação.

1.2 O Brasil insere-se na Guerra do Paraguai

O Brasil estava inserido no imperialismo, quando as nações privilegiadas cresciam a partir da derrota de países menores. Nunes (1972) destaca que após a independência das colônias colonizadas pela Península Ibérica, além do desarmamento do Prata, surgiu na América uma reconstituição política através de uma organização forte, composta por Paraguai, Uruguai e a Argentina.

Nesse contexto, insere-se o Brasil, que também tinha interesses em estender suas fronteiras até o Rio Prata. Os motivos eram muitos: primeiro, a questão da segurança; depois, o fato de os rios do local possuírem a maior parte de suas bacias em território brasileiro. Também, esses locais permitiam o acesso a outros de difícil localização.

Mas, voltando aos fatos que levaram à guerra, Nunes (1972) relata um fato que fez com que as relações entre Paraguai e Brasil começassem a efervescer.

Conta o autor que o Marquês de Olinda chegou ao Paraguai em novembro de 1864 e levantou âncora às 14 horas, pouco depois Solano Lopes autorizou o Taquari, vapor de guerra paraguaio, a perseguir e aprisionar o vapor brasileiro, tendo que retornar ao país imediatamente.

Nesse entorno, o clima de tensão na região da Bacia do Prata, representada por Argentina, Paraguai e Uruguai, já tinham assumido contornos históricos, sendo que a região já havia sido transformada em objeto de disputa entre espanhóis e portugueses, com a Guerra da Cisplatina (1825-1828), que resultara na independência do Uruguai. Permanecia ativo um rastro de pólvora deixado pra trás.

Os episódios de 1864 no Uruguai só fizeram aguçar um quadro de tensões muito antigo na região platina, que envolvia o controle da “banda oriental” do rio da Prata, gerando ora conflitos, ora alianças entre grupos brasileiros - sobretudo rio-grandenses - e facções argentinas e uruguaias, ao que se somariam as pretensões de Solano Lopez às vésperas da guerra.

O Brasil, como dito mais acima, desejava a livre navegação no Prata, principal acesso às províncias do sul do império, muitas vezes dificultada pelas desconfianças que as recém formadas repúblicas latinas nutriam sobre supostas pretensões imperialistas da monarquia brasileira. Litígios sobre fronteiras políticas se arrastavam entre Brasil e Paraguai, como bem acentua Doratioto (2002, p. 44), “a falta de definição de limites era um elemento visível de tensão entre o Paraguai e o império”. Além disso, acirravam-se as rivalidades entre brasileiros e o governo Uruguai, acusado de negligenciar os direitos dos cidadãos brasileiros na região fronteira.

Até então, o Brasil, Argentina e Uruguai, que antes eram considerados centros políticos de hostilidades mútuas, constituem a Tríplice Aliança contra o Paraguai. O fato gerou o Tratado da Tríplice Aliança, que foi motivado pela invasão paraguaia de Corrientes, na Argentina, e pela subida de Flores ao poder no Uruguai. O tratado foi assinado em 1º de maio de 1865, quando então passa a acontecer a Guerra da Tríplice contra o Paraguai.

Conforme os estudos de Schawarcz (1998), a Guerra contra o Paraguai tem muito mais significado para a história brasileira do que se pode imaginar, pois pode ser considerado como um acontecimento histórico imparável definição de uma política nacional própria dos estados envolvidos, da necessidade de afirmação de uma identidade e soberania nacional. Confirmando o que foi dito pela autora, Carvalho (1998, p. 332) ressalta que: “A Guerra do Paraguai foi o fator mais importante na

construção da identidade brasileira no século passado. Superou até mesmo as proclamações da Independência e da República”. Foi este, portanto, um evento de grande participação popular, capaz de criar um forte elo entre a comunidade e a nação, despertando sentimentos patrióticos autênticos por todo o país. Portanto, não há como negligenciar um fato tão importante, pelo contrário, devemos estudá-lo mais ainda, descobrindo, quem sabe, novos fatos que a história ainda não contou.

A independência provocou forte mobilização em apenas alguns pontos do País, Rio de Janeiro, Bahia, Pará. As grandes lutas internas, desde a Confederação do Equador até as da Regência, foram localizadas e muitas vezes separatistas. Em contraste, a guerra pôs em risco a vida de milhares de combatentes, produziu um inimigo concreto e mobilizou sentimentos poderosos. Indiretamente, afetou a vida de boa parte dos brasileiros, homens e mulheres, de todas as classes e em todas as partes do País, inclusive no estado do Piauí, assunto que constituirá o segundo capítulo desse estudo.

Enfim, fazendo um retrospecto histórico acerca da guerra podemos dizer que ela inicia quando o exército paraguaio invade o Mato Grosso, no ano de 1864, e a província argentina de Corrientes, em 1865. Nesse contexto, o Brasil e a Argentina passam a defender seus territórios. Ao mesmo tempo, inicia uma guerra civil no Uruguai entre blancos e colorados, grupo que vence e tem o apoio de Brasil e Argentina. Uruguai une-se ao bloco brasileiro.

Cinco anos mais tarde, em 1870, o brasileiro duque de Caxias (1803-1880) impede que o Paraguai domine o Mato Grosso. O mais importante desse acontecimento histórico, segundo Santomauro(2013), foi que o líder paraguaio Solano López (1827-1870) morreu em batalha, e este foi o fato determinante para que a guerra terminasse.

O Brasil lutou para defender o Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), invadido pelo Paraguai. Para entender a guerra, porém, é essencial saber que estavam envolvidos dois blocos de países. De um lado, Brasil, Argentina e parte do Uruguai. De outro, Paraguai e outro grupo uruguaio. As batalhas começaram em 1864 e se estenderam por quase seis anos (leia o infográfico). Os conflitos trouxeram grandes prejuízos ao Brasil num período de crescimento e aumento da exportação e das demandas por infraestrutura. Mesmo com as dificuldades em lidar com as epidemias, a falta de comunicação e a escassez de alimentos, o bloco do

Brasil foi vitorioso, já que conseguiu evitar que o Paraguai dominasse as terras em disputa(SANTOMAURO, 2013).

Como foi dito anteriormente, a Guerra do Paraguai ficou assim chamada por queo Brasil entro no conflito como uma forma de revidar as agressões de Solano López. E isso pode ser observado em documentos da época, que apresentavam um discurso institucional recorrente antes e depois da guerra, prolatado nos manifestos do governo imperial, e também nas correspondências com os governos provinciais. A Circular do Ministério Brasileiro ao governo argentino, redigida pelo Conselheiro José Maria da Silva Paranhos,pode ser um exemplo de relatos da época que culpam o Paraguai pela guerra. Abaixo, seguem alguns desses trechos:

Não: o governo imperial, cõnscio de seus direitos, e certo do civismo do povo brasileiro, nunca quis ver nos excessivos armamentos paraguaios mais do que o triste resultado da política meticulosa d'esse governo, e do regimen anormal em que ainda permanece a República. Esperou sinceramente que o tempo e suas benévolas intenções determinassem por fim a conversão d'aquelle governo aos dictames da razão, da justiça internacional

(....)

O conflito com o governo de montevidéo foi, como se vê, um pretexto e uma occasião que o governo paraguayo aproveitou para levar a effeito seus projetos de guerra.

(...)

Os factos referidos põem em toda a luz o plano há muito premeditado por esse governo, e o alvo a que elle se dirige; mas há outra prova não menos significativa de seus maléficos intentos. Esta prova é a expedição militar que elle enviou ao território de Mato Grosso...

A vista de tantos e taesactos de provocação, a responsabilidade da guerra sobrevinda entre o Brasil e a República do Paraguay pesará exclusivamente sobre o governo da Assumpção (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2013, p. 01).

O trecho do documento aponta que o Brasil culpava exclusivamente o governo paraguaio. Essa era mais uma estratégia brasileira, que pregava a ordem entre seus moradores, que queria o bem do povo, que jamais entraria em guerra. Enfim, era uma imagem de serenidade que era passada para a população. Esse discurso podia ser percebido em diversos documentos que o governo fazia circular, ou seja, nesses o Brasil era pintado como um país ordeiro, com homens de paz, enquanto o Paraguai buscava a luta armada como saída.

A Guerra contra o Paraguai foi o conflito militar de maior repercussão e mais sangrento da América Latina ao longo do século XIX. Estima-se que tenham morrido

nos campos de batalha cerca de 150 a 300 mil soldados. Marcou transversalmente o auge e a decadência da Monarquia Brasileira, tendo se configurado numa jogada arriscada da política externa do Segundo Império, como ponto culminante dos conflitos na região platina (DORATIOTO, 2002).

Sabemos que toda guerra, por trás do patriotismo aguçado, e também mesmo com toda promoção dos símbolos nacionais na imprensa e nos espetaculares cerimoniais de saudação às tropas que embarcavam rumo à guerra, muitos ainda oferecem resistência, o que, supomos, que foi constante no Brasil, de um modo geral. O fato de existir certo consenso sobre um momento entusiástico do alistamento militar voluntário no início da guerra, não significa que se trata de um período sem qualquer resistência.

A província de Minas Gerais que já em 1830 contava com cerca de 730.282 (setecentos e trinta mil e duzentos e oitenta e dois) habitantes, teria enviado aproximadamente 4.090 (quatro mil e noventa) voluntários para guerra (MELLO FILHO, 2013), enquanto que a província do Piauí, com uma média de 200.000 (duzentos mil) habitantes durante a guerra, enviou cerca de 3.800 (três mil e oitocentos) voluntários aos campos de batalha, conforme Chaves (1998). Com estes números percebemos o quanto o povo piauiense foi receptivo à questão da guerra, enquanto os mineiros foram mais resistentes aos clamores nacionais e ao recrutamento forçado.

Os números no Piauí apontam um grande entusiasmo patriótico e militar por parte da população, no entanto, acreditamos que muitos homens tenham ido forçados para a guerra, oferecendo-se como sacrifício. E não são poucos os relatos da época que apontam a veracidade de tal discurso. Um deles é uma correspondência dirigida ao Presidente da Província Franklin Américo de Meneses Dória, que foi assinada por José Aguiar do distrito de São José:

[...] Vou empregar todos os meios ao meu alcance a fim de ver se obtenho satisfazer o pedido de V. Ex^a., reunindo alguns voluntários para o serviço da guerra, não sei porém, se terei esse gosto, porque, como V. Ex^a terá observado, o povo Piauiense é demasiadamente medroso para sahir da Província; e agora, por causa do recrutamento, todos os homens que estão nas circunstâncias de marcharem, refugiarão-se nos Mattos (CORRESPONDÊNCIA COMARCA DE SÃO JOSÉ, 1865).

O relato aponta que Franklin já sabia da resistência que encontraria no recrutamento de soldados para a guerra. Muitas dessas pessoas, com medo de serem chamadas para representar o seu país, acabavam se refugiando nas matas, casando-se, aliás, muitas dessas pessoas pouco sabiam do que se tratavam esses conflitos, já que em todas as partes do Brasil, a sociedade encontrava-se em um modelo social pacato. Outro autor que confirma de quemaneira se davam essas fugas é Araújo (2009, p. 141):

[...] Escondiam-se das autoridades, fugiam das prisões, reagiam violentamente aos recrutadores, fingiam problemas de saúde, utilizavam de documentos falsos, casamentos precipitados e falsas alegações de serem escravos ou membros da Guarda Nacional.

Muitas eram as formas que as pessoas encontravam para fugir da guerra, pessoas essas que se viam acuadas diante da possibilidade de saírem de casa e nunca mais retornarem, verem suas famílias.

Conforme já visto, essa foi uma guerra que tomou proporções catastróficas, atingindo todas as regiões brasileiras, mas destacaremos uma especial, que teve uma participação notória na guerra, inclusive ficando conhecida mundialmente por ter enviado uma mulher para a batalha, Jovita Feitosa, que tem sua trajetória como objeto de pesquisa desse trabalho. Acerca da inserção do Piauí na Guerra do Paraguai, o próximo capítulo tratará de forma mais abrangente.

2 À LUTA! A PARTICIPAÇÃO PIAUIENSE NA GUERRA DO PARAGUAI

Conforme visto no item anterior, o Piauí foi um dos estados brasileiros a enviar maior número de contingente para a guerra. Claro que, muitos desses homens, os que voltaram, viveram o descumprimento das regalias concedidas pelo decreto 3.371, de 07 de janeiro de 1865. Uma dessas regalias era a indenização em dinheiro e terras, além do direito de preferência na ocupação de cargos público. Ao voltarem, no entanto, eram ignorados, não tendo nenhum desses direitos.

Na verdade, voltar já era um grande prêmio, pois milhares de homens tiveram suas vidas ceifadas nessa guerra, muitos homens que, se quer, saberiam que teriam seus nomes escritos, e com sangue, na história do país. Dos que voltaram, há um relato, na verdade um desabafo. O piauiense Belarmino Castelo Branco, no trecho abaixo, mostra-se muito descontente com a situação e com o desprezo que o governo deu aos que retornaram:

Não tendo, senhores, a necessária habilitação afim de escrever para um público ilustrado, conservei-me silencioso por algum tempo, porém ferido pela mais negra ingratidão, obrigado por uma força irresistível e não podendo suportar calado tantas injustiças, resolvi com as minhas rudes expressões fazer-vos ciente do quanto sofrem aqueles que, ouvindo o reclamo de sua Pátria, por ela derramaram o seu sangue generoso em longínquas terras de um país estrangeiro.

[...]

Naqueles dias tudo eram flores, tudo eram garantias.

Eu os vi embarcarem para a Campanha cobertos de bençãos, de vivas e louvores.

Tudo suportamos sem desesperar, porque era em favor de nossa Pátria.

Treze vezes, em combate, minha vida arrisquei por este ingrato país.

De volta daquela campanha na qual gastei cinco anos de minha vida pugnando pela honra nacional, baldo de recursos, falta de meios para subsistir com decência e dignidade, dirige-me a S. Ex^a. O Sr. Dr. Manoel do Rêgo Barros Souza Leão, Presidente desta Província, pedindo-lhe um emprego, baseando-se no Decreto nº 3.371 de 07 de janeiro de 1865, o qual manda dar a preferência aos Voluntários da Pátria sobre outro qualquer indivíduo com igualdade de habilitação.

Tudo debalde.

[...] E eis agora a sua situação; depois de haver triunfado das balas inimigas (Jornal O Amigo do Povo, 31 de março de 1871, *Apud* CHAVES, 1998).

O discurso apresentado mostra-se muito forte e verdadeiro, apontando o desapontamento de Castelo Branco, que diz ter dedicado cinco anos de sua vida à pátria, correndo riscos de morte, como ele mesmo diz, à bala, para, ao retornar ter seus direitos renegados.

Mas, não cabe aqui discutir o descontentamento dos que voltaram da guerra, mas de que forma ela chegou ao Piauí, de como foi a participação desse estado no conflito.

Em 31 de janeiro de 1865 o jornal “Liga e progresso”, que circulava em Teresina, noticia um fato já narrado no diário oficial do império em 20 de dezembro de 1864, acerca da guerra em alusão. Foi este o primeiro contato do povo piauiense sobre o início dos conflitos entre a República do Paraguai e o Império do Brasil (CHAVES, 1998).

O primeiro fato histórico a ser observado é que quando a guerra iniciou, o Piauí era governado por Franklin Dória, a quem coube a incumbência de recrutar sertanejos para a guerra.

O referido Presidente recebeu um comunicado do Ministro dos Negócios da Justiça, em que se requisitava a convocação da Guarda Nacional da Província do Piauí, que deveria seguir para o Paraguai (1.160 guardas), acompanhada de tantos voluntários quanto pudesse conseguir. Para ajudá-lo nessa missão, contou com a ajuda de recrutadores.

Nunes (1972, p. 217), ao tratar desse tema diz que;

Com os primeiros dias de fevereiro de 1865, o Presidente convoca os piauienses que se prestem aos serviços do exército e da marinha, para se alistarem como voluntários da pátria, e já n dia 10 de março embarca em Teresina, rumo a Paranaíba, o corpo da guarnição com destino à companhia do Paraguai, composto de 20 oficiais, 310 praças de pré, 3 médicos e um farmacêutico. A este primeiro corpo de combatentes juntaram-se 35 voluntários, todos sob o comando do Coronel Manuel Rolemburg de Almeida.

Um fato interessante acerca de todos esses recrutas é que precisaram percorrer 300 quilômetros de viagem por terra, além de 800 quilômetros embarcados em balsas de buriti, para chegar à capital da província.

Na província do Piauí, Monsenhor Chaves descreve bem uma mistura de tensão e entusiasmo diante da possibilidade de lutar pela “nação”, acerca do qual os trechos abaixo representam bem:

Mas a cidade só se convenceu realmente da dura realidade quando chegou a ordem para seguir o Corpo de Guarnição. Agora, sim, a guerra nos atingia em cheio. Com o batalhão partiram as esperanças, os anseios e os cuidados de Teresina, que já se acostumara a considerá-lo coisa sua, fazendo parte integrante da sua vida. Foi, pois, com a mais viva emoção que os teresinenses assistiram aos últimos preparativos do Corpo que ia embarcar para o sul. A cidade em peso acompanhou comovida os exercícios de fogo, os combates simulados, as marchas forçadas do batalhão que se adestrava para a guerra.

Na véspera da partida algo de indefinível pairava sobre Teresina. A tropa dormiu aquartelada. Naquela noite em muitos lares havia lugares vazios cujos donos nunca mais voltariam a preenchê-los.

Centenas de olhos não se fecharam numa vigília de ansiedade, de incerteza e sofrimento.

Pela madrugada já a Praça da Constituição regurgitava de povo. Ninguém queria faltar àquela despedida.

Cedo, ainda, o Batalhão, precedido de sua própria banda, abalou do quartel de linha para, antes do embarque, pedir a bênção da padroeira da cidade, N. Senhora do Amparo. No patamar da igreja foi celebrado o Santo Sacrifício da Missa, a que todos assistiram com a mais viva devoção.

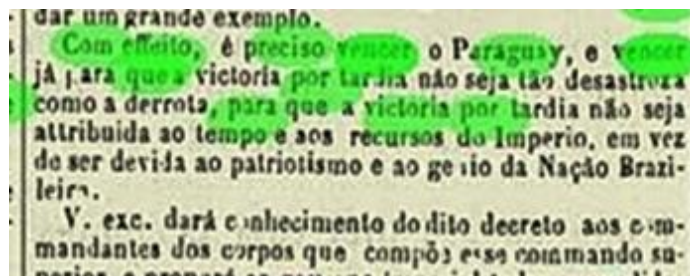
Terminada a missa, o Sr. Presidente, o Dr. Franklin Dória, dirigiu a palavra aos soldados, em vibrante discurso, parabenizando-os pela honra que lhes era concedida de defenderem, no campo de batalha, a dignidade da Pátria ultrajada. Em seguida a multidão abriu ala até o porto e os soldados passaram recebendo do povo a mais delicada demonstração de simpatia, de saudade, de esperanças de um breve e feliz retorno.

(...)

Eram 08 horas da manhã do dia 10 de março de 1865. Para nós havia começado a guerra (CHAVES, 1998, p.101).

Os jornais, em todo o Brasil, apelavam para o sentimento nativista brasileiro, para que servissem como recrutas para a guerra, em troca de benefícios. Um exemplo disso foi publicado na edição de nº 02767 do “Correio Paulistano”.

Figura 2 – Convocação para servir à guerra



Fonte: <http://cliquepiripiri.com.br/noticias/raimundo-gomes-das-neves-o-piripiriense-heroi-da-guerra-do-paraguai>

Conforme visto na imagem acima, que diz: “Com efeito, é preciso vencer o Paraguay, e vencer já para que a victoria por tardia não seja tão desastrosa como a derrota, para que a victoria por tardia não seja atribuída ao tempo e aos recursos do Império, em vez de ser devida ao patriotismo e ao gênio da nação brasileira”, apelava para o amor à pátria por parte do brasileiro.

O presidente Franklin, em um ofício ao Ministro da Guerra, informa que para conseguir voluntários teve que procurar juntos às autoridades, cidadãos qualificados, além disso, fez cartas particulares para inúmeras pessoas. Segundo Nunes (1972), inclusive no interior do Estado, especificamente em Jerumenha e Amarante, enviou a polícia a fim de conseguir pessoas, como de fato ocorreu, pois em pouco tempo 60 pessoas foram inscritas à força para lutar na guerra. De todas as cidades do Piauí, houve pessoas que se inscreveram para ir à guerra.

Muitos relatos da guerra são encontrados. Um deles é destacado por Nunes (1972, p. 222). Segundo ele, em 10 de abril de 1866 o tenente Eudoro Emiliano de Carvalho cobriu-se de glória, “no sangrento combate corpo a corpo que se travou na ilha de Redenção, defronte ao forte de Itapirú, quando o inimigo, em força, tentou retomar a ilha e foi repellido com grandes forças”.

Não obstante, alguns autores tratam da participação na guerra do Paraguai de vários escravos ou libertos piauienses. Lima (2005, p. 58):

Em fevereiro de 1867, o império fez uma “limpeza” no quadro de trabalhadores escravizados das fazendas. Nesta data, o presidente da província Adelino Antonio Freire, comunicou ao ministro e secretário dos Negócios da Fazenda, conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos, a partida, do Piauí, de 167 negros jovens, fortes e saudáveis, libertados para que servissem na guerra do Paraguai.

Ao que parece, devido à grande recusa dos piauienses em irem para a guerra, o governo se vê obrigado a recrutar escravos para sanar as necessidades das forças armadas imperiais.

Araújo (2009) diz que no período da guerra no ano de 1867 escravos da nação foram enviados à Corte, distribuídos em 70 escravos, todos do sexo masculino, além de uma criança de 3 anos, dois jovens de 18, dois de 19 e três de idade de 40. Todos os demais tinham entre 20 e 30 anos. O autor destaca que a partir desses dados e do momento que passava o império, muitos desses escravos podem ter sido enviados involuntariamente para as forças armadas imperiais.

Dentre tantos que se inscreveram, destaca-se Jovita Alves Feitosa, que apresentou-se voluntariamente e, com menos de 18 anos, mostrou-se corajosa, dedicada, amante da pátria, como talvez alguns homens jamais o faria. Acerca dela, o terceiro capítulo fará uma descrição mais completa.

3 A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA GRANDE GUERRA: PERFIL DE JOVITA ALVES FEITOSA

3.1 Perspectivas femininas na Guerra do Paraguai

No início da história, o serviço militar foi tido como uma atividade marginalizada, reservada à escória da sociedade, com exceção dos altos postos, que ficavam nas mãos das pessoas com maior poder aquisitivo. Assim como as mulheres do século XX, os soldados do serviço militar “não eram cidadãos ativos: a lei proibia que praças de pré votassem” (CARVALHO, 1998, p. 351).

A Guerra contra o Paraguai representa um momento ímpar, operando-se a revalorização do Exército, a partir do desenvolvimento de uma retórica patriótica em torno deste. Era necessário transformar o imaginário popular de modo a tornar glorioso e honrado o sacrifício patriótico de servir à nação em tempos de guerra. Mas, os que retornavam, como vimos anteriormente em um relato, não tinham seus direitos reconhecidos, mas eram deixados à mercê pelo governo.

Enfim, o que se tinha à época era um pensamento de que as mulheres, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, elas estivessem fora do tempo, ou, ao menos, fora do acontecimento. O desaparecimento de seus rastros e traços, tanto públicos quanto privados, transformou o pesquisador das mulheres do passado em verdadeiros rastreadores procurando pistas, fragmentos em documentos que pouco registravam ou levassem a uma visualização feminina inexistente nos últimos séculos. Na nossa história, há um duplo silêncio: o silêncio sobre as classes de trabalhadores: a história é a história das classes dominantes, e o silêncio sobre as mulheres em geral: a história é masculina (PERROT, 1992, p. 51).

Mesmo que não fizesse parte do processo de tomada de decisão, ela tinha um papel relevante nos bastidores, pois o fato de não participar da história política e administrativa não diminuiu a importância do papel que desempenhou. “Rever imagens e revelar outras é romper com os enraizamentos impostos pela historiografia ao longo do tempo” (SAMARA, 1991, p. 229).

Ao trabalhar o cotidiano feminino durante a Guerra do Paraguai percebemos as dificuldades e sofrimentos por que passaram estas mulheres, que não são retratadas como “heroínas da pátria”, mas desempenham papéis de verdadeiras

guerreiras. Dionísio Cerqueira (1948, p.3) relata em “Reminiscências da Campanha do Paraguai”:

Estas mulheres não tinham medo de coisa alguma. iam às linhas avançadas mais perigosas, levar a comida aos maridos. Nas linhas mais encarniçadas de atiradores, via-se estas infelizes se aproximarem dos feridos, rasgarem suas saias em ataduras, para lhes estancarem o sangue, montá-los na garupa de seus cavalos e conduzi-los em meio à balas, para os hospitais. Algumas trocavam as Amazonas por bombachas nos dias de combate e as pontas de suas lanças se salientavam nas laterais de seus regimentos.

As lembranças escritas por Cerqueira vão de encontro com os relatos deixados por outros memorialistas, que registram a presença feminina com ironia. Mas a presença feminina neste conflito nem sempre era de forma voluntária, algumas eram enviadas como uma forma de serem penalizadas por terem um comportamento considerado de “má conduta” (DOURADO, 2002, p. 89).

Segundo Max Von Versen (1976, p. 85) em sua obra “História da Guerra do Paraguai”:

No Paraguai, já na fase final da luta, a situação das mulheres e crianças era muito pior que a dos homens combatentes. Viviam praticamente como reféns, responsáveis pelos homens em caso de deserção ou qualquer outro delito. A fome nestes dias era brutal. Os soldados recebiam uma ração mínima. As mulheres nada recebiam. Cerca de cem mil mulheres e 149 crianças morreram nos últimos seis meses do conflito.

Em todos estes fatos esta pesquisa buscou dar visibilidade às mulheres envolvidas no longo conflito, mas destacando Jovita Feitosa, discutindo o papel desses sujeitos históricos esquecidos pela História Oficial.

Por muito tempo, as mulheres estiveram relegadas ao esquecimento, sendo vistas e registradas pela historiografia como submissas e dóceis algo que não corresponde com a real contribuição que as mulheres deram para a história.

É interessante trazer à tona essas mulheres que participaram da guerra e contribuíram para a formação da nação, pois a presença feminina neste conflito ocorreu de forma passiva, ao enviarem seus entes queridos a guerra, mas também foi de forma ativa, pois como foi registrado por diversos memorialistas, as mulheres estiveram presentes nos campos de batalha, acompanhando os regimentos e, ajudando no que fosse necessário.

A forma como foram registradas não faz jus a sua valiosa participação. Por isso, é que se faz tão importante o papel dos historiadores das mulheres, pois estes

devem mostrar a participação feminina dando-lhes vida, nomes, e rostos, algo que por muito tempo lhes foi negado.

Um relato que encontramos sobre a participação feminina na Guerra do Paraguai, a nível de Piauí, está em Nunes (1972), que trata de um acontecimento na época, em que 13 adolescentes estudantes passaram a fabricar as fardas dos combatentes. “A esse gesto dos educandos imitam ilustres damas piauienses ao costurarem gratuitamente as camisas dos combatentes” (NUNES, 1972, p. 220).

Na Guerra do Paraguai, essa aparente fragilidade é deixada de lado e surgem novas representações das mulheres paraguaias, retratadas como “guerreiras espartanas, vistas como exemplo para toda a sociedade, como motivação e difusão patriótica” (ORTOLAN, 2013, p. 66).

As mulheres foram consideradas como força real de reserva diante do agravamento da situação do contingente militar paraguaio, tendo sido fundado inclusive um “batalhão feminino e criados postos de sargentas, integradas diretamente às guarnições militares e com uma estrutura similar à dos soldados” (ORTOLAN, 2013, p. 01).

3.2 Perfil de Jovita Alves Feitosa: *eis a heroína brasileira!*

Dentre tantas mulheres, uma piauiense merece destaque. Falamos de Jovita Alves Feitosa, que nasceu em Inhamúns, Ceará, em março de 1848, filha de Maximiano Bispo de Oliveira e de Maria Alves Feitosa, se destacou pela bravura e destemor, preparando a luta contra o Paraguai (GOMES, 2007).

Figura 3 – Jovita Feitosa



Fonte: dec.ufcg.edu.br

Assim como sugere o subtítulo “eis a heroína brasileira!”, característica atribuída por Coaracy (1865), Jovita destacou-se na história brasileira por ser a única mulher a apresentar-se como soldado para lutar pela pátria.

Conforme Coroacy (1865), ela perdeu a mãe para a cólera-morbo aos doze anos de idade. Foi entregue pelo pai aos cuidados do tio Rogério, mestre de música de Jaicós, para que, segundo Coaracy, pudesse se dedicar ao ofício do tio. Foi separada de seus irmãos que ficaram com o pai, apesar das suas dificuldades operacionais para cuidá-los e dos limites financeiros que a família enfrentava.

Nesse tempo, com apenas dezesseis anos, órfã de mãe, residia com um tio em Jaicós, no Piauí, e participava vivamente do clamor criado com o patriótico movimento contra o invasor Francisco Solano Lopez, apossando-se do forte de Coimbra no ano de 1864, à margem do Rio Paraguai, facilmente conseguido por causa da precária situação em que se encontravam os brasileiros (GOMES, 2007).

A expedição paraguaia avançava pelo sul de Mato Grosso, encaminhando-se para a colônia militar de Dourados. Vitoriosos, seguiram para a colônia de Miranda, depois Nioaque, encontrando poucos brasileiros e mal armados. Pretendiam assim chegar até Corumbá, já tendo conseguido a interrupção das comunicações entre a capital da província e o Rio de Janeiro.

Por pouco tempo o sul de Mato Grosso tornou-se território paraguaio. López pretendia formar outra frente de guerra, atravessando a Argentina para atacar o Rio Grande do sul. O Presidente da nação vizinha negou a passagem das tropas por terras argentinas, o que ocasionou uma declaração de guerra, em março de 1865, com a invasão pelos paraguaios da província de Corrientes.

No Rio de Janeiro as notícias das invasões causaram revolta, e o Imperador Pedro II estimulou o patriotismo entre os homens, com a frase: “o Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”.

Jovita mobilizou a cidade e o campo para que fossem lutar pela pátria. Misturava-se com os soldados, desprezando todos os preconceitos da época. Atendendo ao apelo do Imperador, as mães ofereciam os filhos para a luta, as damas doavam suas jóias, e Jovita, como nada tinha a oferecer, arquitetou um plano: cortando os cabelos e usando um chapéu de couro, assim se disfarçou em soldado, indo-se apresentar em Teresina, onde se agrupavam os Voluntários da Pátria. E tinha apenas dezessete anos.

Diversos jornais em 1865, indagavam se era possível que o belo sexo de algumas províncias esteja dando o exemplo, oferecendo-se para o serviço da guerra e alguns Srs. Oficiais do efetivo serviço ainda empregados nas fortalezas e comissões outras, que podem ser substituídos pelos reformados. O exemplo de Jovita é aplaudido, no entanto pode ser entendido como um episódio vexatório para aqueles que se furtavam ao serviço militar. Ou seja, uma mulher, que para eles parecia frágil, tinha mais coragem do que muitos homens da época.

No entanto, Jovita foi descoberta, pois suas formas femininas a denunciaram e mulheres curiosas descobriram que as orelhas eram furadas. Mesmo assim, foi aceita pelo exemplo de tão admirável lição de patriotismo, com a obrigação de usar um saiote sobre a farda.

Mulher valente, audaciosa, teve seu gesto admirado em todo o país. Exercendo função militar, esteve em São Luis, Paraíba e Recife, causando entusiasmo em todos. Era aplaudida, presenteada, cantada em versos e hinos. A nossa heroína estava então preparada para a viagem ao Rio de Janeiro, em companhia de quatrocentos e sessenta soldados.

Um mês após a partida, chegava à capital brasileira sendo entusiasticamente ovacionada pela multidão que esperava curiosa a Companhia dos Voluntários, tendo entre eles a figura de uma mulher.

Os jornais noticiaram com destaque o fato; o povo aclamava-a com entusiasmo pó onde ela passava e assim a admirável Jovita viveu os mais intensos momentos de glória.

Para realizar tal proeza, Jovita precisou fugir de casa para tentar realizar seu intento de “vingança à honra das brasileiras e da pátria”, pois sabia que seu tio não a apoiaria. Superado este primeiro empecilho ao seu projeto, seria necessário enfrentar muitos outros: cortou os cabelos, amarrou os seios, disfarçou-se de homem por saber que não seria aceita como voluntária e também, provavelmente, para resguardar-se de violência sexual. Seu projeto foi efetivamente rejeitado, e ao tentar retornar ao lar do qual antes precisou fugir, as portas estavam fechadas para ela. Seu tio, único suporte familiar que lhe restara, rejeitou-a (COARACY, 1865).

O tio de Jovita, chamado de Rogério, foi um importante amparo para Jovita. Sob sua proteção ela teria aprendido a ler, caçar, costurar e tocar. No interrogatório conduzido pelo chefe de polícia da província do Piauí, quando perguntada sobre seu modo de sustento, Jovita respondera que vivia de suas costuras, firmando que não representava um peso para o tio e que poderia ter somado esforços contra a crise financeira do pai, apontada como causa principal de sua separação do restante da família e de sua partida para Jaicós. Apesar de suas habilidades, o retorno para a família não aconteceu. Seria este desligamento uma motivação a mais na decisão de ir à guerra? (COARACY, 1865).

Passados alguns meses, o Ministro da Guerra, Visconde de Cairú, põe por terra a aspiração da jovem, negando-lhe permissão para a frente de combate. Dava-lhe apenas o direito de agregar-se ao Corpo de Mulheres que iria prestar serviços compatíveis com a natureza feminina, na guerra contra os vizinhos paraguaios.

Resolveu permanecer no Rio de Janeiro, decepcionada com o acontecido e fortemente amargurada, sentindo se desfazerem os seus sonhos de jovem patriota e de mulher guerreira que ela era.

Faleceu em outubro de 1.867, aos dezenove anos, longe de sua terra e de sua família, merecedora de grandes elogios pelo valor moral de que era possuidora. Ficou o seu exemplo digno da admiração de todos os brasileiros.

O ato da jovem Jovita, à época, foi entendido como loucura, dado o papel secundário a que a sociedade colocava a mulher. No Piauí, a educação feminina no fim do século XIX e início do século XX, era dedicada especialmente ao aprendizado

de atividades domésticas, aliando-se ao discurso histórico de normatização dos papéis sexuais:

A casa continuava a ser o espaço reservado à mulher, por isso sua educação voltava-se preferencialmente para o aprendizado de atividades como cozinhar, cuidar da casa, dos filhos, costurar, bordar e outros serviços domésticos quase sempre ensinados pela própria mãe. (...) As oportunidades de acesso à educação formal eram poucas e, dificilmente, passavam do aprendizado da leitura e da escrita. Raramente elas freqüentavam a escola por mais de dois ou três anos letivos (CASTELO BRANCO, 2005, p. 65).

A guerra seria, portanto, um espaço jamais ocupado pela mulher, que segundo os padrões do século em alusão deveriam ficar apenas no espaço doméstico, como figuras passivas, boas donas de casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto ao longo desse estudo, a Guerra do Paraguai foi um acontecimento histórico, no ano de 1865, que envolveu diversos países da América Latina, dentre eles o Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina, sendo que estes três últimos formaram a Tríplice Aliança, a fim de derrotar o primeiro.

As causas dessa guerra, conforme apontaram alguns historiadores, se diferem, sendo citadas a questão econômica e poderio da Inglaterra, bem como a expansão marítima do Paraguai, que via no território Prata um local de livre navegação. Contudo, este local estava localizado, em maior parte, em terras brasileiras, este foi o estopim para a Guerra.

Também, conforme vimos nos relatos da literatura acerca do tema, o primeiro desafeto que o povo brasileiro teve com Paraguai foi quando o Marquês de Olinda fixa as âncoras em terras paraguaias, sendo obrigado pelo governo Solano López a voltar para as terras brasileiras. Este, portanto, é considerado o primeiro ato de hostilidade armada de Portugal contra o Império do Brasil.

Os dados apontaram que o saldo da guerra foi desastroso, pois o Paraguai teve cerca de 80% de sua população de jovens adultos morta, dentre homens e mulheres. O país sofreu uma enorme recessão econômica que empobreceu o Paraguai durante muito tempo. Com o final da guerra, o Brasil conservou suas posses na região do Prata, enquanto o Paraguai ficou totalmente devastado.

Todos os Estados brasileiros enviaram soldados para a guerra, no entanto o Piauí se destacou como um dos que mandou um maior número, chegando a mais de cinco mil homens. No entanto, o nome do Estado ficou estampado em todos os jornais pela ousadia e coragem de uma jovem adolescente que, com uma faca, corta os cabelos e se alista como homem.

Trata-se da jovem Jovita Alves Feitosa, que ficara muito cedo órfã de mãe e pai, tendo que vir morar com seu tio na cidade de Jaicós, donde fugira para Teresina para lutar pelo país. Esse foi um ato de coragem que muitos homens da província piauiense não tiveram, o que rendeu à moça muito elogios, menções honrosas e destaque em diversos jornais do país, sendo chamado de “heroína brasileira”.

Inclusive, por seu ato de extrema nacionalidade, recebe uma biografia de um policial da época que a interrogara. Esse relato histórico, do qual retiramos

basicamente todas as informações de Jovita, foi escrito em 1865, mas continua mostrando para as gerações futuras o ato de grandeza realizado pela jovem.

Apesar de as mulheres brasileiras representarem um papel secundário na historiografia das guerras, Jovita ganhou destaque por que, conforme percebemos na fala de alguns historiadores, ela teve a ousadia que muitos homens não tiveram, pois muitos se casavam à força, fugiam para a mata, inventavam estórias de doenças que nunca tiveram para fugir do recrutamento.

Mas Jovita foi descoberta e teve de abandonar a sua ideia de levantar armas pelo Brasil. Mas, além disso, essa história tem um final trágico, quando ela decide se suicidar com um punhal, por conta de um amor não correspondido. Esse parece um ponto da história de Jovita que parece não se encaixar, pois como pode uma mulher tão forte e guerreira, que quis ir à guerra sem medo, tirar a sua própria vida por um homem que não a quis.

Mesmo assim, isso não tira a glória de uma mulher corajosa, como ela foi, que foi e é digna de tantas pesquisas pelo Brasil, como essa ora realizada, acerca do seu perfil, da sua história, que tanto motiva as mulheres atuais.

Fica, portanto, o desejo de que esta pesquisa sirva como embasamento para tantas outras que serão realizadas. Mesmo sabendo que não esgotamos todo o tema acerca de Jovita e da Guerra no Paraguai, o estudo oferece subsídios para outros, sejam realizados por discentes, docentes ou pesquisadores de qualquer área.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Johny Santana. **Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do império.** A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a Guerra do Paraguai. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Federal Fluminense, 2009.

ASSIS, Machado de. **Poesias Completas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BACELLAR, Carlos de A. P. Fontes documentais uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla B. (Org.) **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 23-80.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **História da Guerra do Brasil contra as Repúblicas do Uruguay e Paraguay.** Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, vol.II, 1870, p.67-68. Disponível em: <historiar.net/images/pdfs/Guerra_do_Paraguai_vol_2.pdf>. Acesso em 20 de março de 2013.

CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados:** escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais.** Teresina: Edições Bagaço, 2005.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai.** Rio de Janeiro, Gráfica LaemmertLtda, 1948.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai.** 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COARACY, José Alves Visconti. **Traços biographicos da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa,** ex-sargento do 2º Corpo de Voluntários do Piauhy, natural do Ceará, por um fluminense. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial de Brito & Irmão, 1865, p.19. Documento que faz parte do acervo do Projeto Brasiliana da USP. Disponível em: <www.brasiliana.usp.br>.

CORRESPONDÊNCIA COMARCA DE SÃO JOSÉ/ Presidente da Província. Casa Anísio Brito: Seção de Códices, livro 001, nº 07, 13 de março de 1865.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita guerra:** nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOURADO, Maria Teresa G. **Mulheres comuns Senhora respeitáveis**: a presença feminina na Guerra do Paraguai. UFMT, 2002.

GOMES, Carlos. **Biografia de Jovita Alves Feitosa**. Junho de 2007. Disponível em: <http://academiatauaense.blogspot.com.br/2007/06/jovita-alves-feitosa.html>. Acesso em 20 de fevereiro de 2013.

LIMA, Solimar Oliveira. **Braço Forte**: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí. 1822 – 1871. Passo Fundo. UPF. 2005.

NUNES, Odilon. A Guerra do Paraguai. In: NUNES, Odilon. **Pesquisa para a história do Piauí**. 2 ed. Teresina: Artenova. V. 4, 1972.

PERROT, Michele. **Os excluídos da História**: operários, mulheres, prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

PORTO JÚNIOR, Manoel José. **Guerra Do Paraguai**: visões da história. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_08_Manoel_Jose_Porto_Junior.pdf. Acesso em 03 de abril de 2013.

ROCHA, Cleane Maria Alves. **Jovita Alves Feitosa**: Relações de gênero e presença feminina na Guerra contra o Paraguai (1864-1870). Monografia de graduação apresentada à Universidade Federal Do Piauí, 2009.

SAMARA, Eni de Mesquita. Mulheres das Américas: um repasse pela historiografia latino-americana recente. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Marco Zero, 1991, p. 229.

SANTOMAURO, Beatriz. **Como foi a participação do Brasil na Guerra do Paraguai?** Disponível: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/como-foi-participacao-brasil-guerra-paraguai-647780.shtml>. Acesso em 13 de fevereiro de 2013.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUSA, Rainer. **A Guerra do Paraguai**. Disponível em <http://www.brasilecola.com/historiab/guerra-paraguai.htm>. Acesso em 06 de abril de 2013.

VERSEN, Max Von. **História da Guerra do Paraguai**. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda., 1976.